

QUALIDADE E PESQUISA NA UNIVERSIDADE

A Universidade poderia ser uma das instituições mais relevantes da sociedade e da economia, desde que fosse o lugar privilegiado da construção do conhecimento e da educação de novas gerações. Enquanto permanecer na condição de centro de treinamento de recursos humanos, pode até satisfazer o ego da classe média e alta em termos de acesso a diploma, mas pratica a subalternidade do conhecimento meramente copiado. Transmitir conhecimento é fundamental para a sociedade e a economia, mas não passa de insumo. E mais: para fazer somente isto, não necessitamos de universidade, porque o uso inteligente dos meios modernos de comunicação a substitui com ampla vantagem. Insubstituível seria, se fosse o lugar privilegiado da construção do conhecimento e referência inequívoca da aprendizagem reconstrutiva política, o fator decisivo da oportunidade de desenvolvimento¹. A ligação com o mercado é necessária, por certo, mas instrumental. Sua referência central sempre será a cidadania, ou, o espectro das necessidades e potencialidades humanas da sociedade.

RELEVÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO

Segundo os órgãos da ONU, e sobretudo a CEPAL, **educação e conhecimento** são o eixo da transformação produtiva com equidade, o fator primordial da cidadania e da competitividade². Tomando-se o desenvolvimento humano sustentado como questão de oportunidade, a maneira mais competente de a fazer é **manejar e construir conhecimento**. Educação pode ser definida como formação da competência humana, para poder compreender e enfrentar os desafios da realidade física e social, encontrando no conhecimento seu instrumento central. Ao mesmo tempo, pode-se definir o subdesenvolvimento como condição de cópia e sucata, à medida que tanto a sociedade, quanto a economia estão atreladas a um centro hegemônico. Por isso mesmo, não é

¹DEMO, P. 2001. Educação & Conhecimento – Relação necessária, insuficiente e controversa. Vozes, Petrópolis, 2^a ed.

²CEPAL. 1992. Equidad y Transformación Productiva - Un enfoque integrado. CEPAL, Santiago. CEPAL/OREALC. 1992. Educación y Conocimiento - Eje de la transformación productiva con equidad. CEPAL, Santiago. ONU. 1993. Human Development Report 1993. ONU, New York.

QUALIDADE E PESQUISA NA UNIVERSIDADE

Pedro Demo

possível chegar ao desenvolvimento através da mera cópia de conhecimento alheio, como não é possível ser competitivo trabalhando sucata e como sucata.

Conhecimento, para a cidadania significa a base instrumental da consciência crítica e criativa, para melhor intervir na realidade como sujeito capaz de conduzir seu destino, dentro das circunstâncias externas dadas. Para a competitividade, conhecimento significa a fonte essencial de inovação e competência formal dos recursos humanos. Sendo conhecimento fundamentalmente meio, sua conexão com educação torna-se absolutamente essencial, razão pela qual usa-se sempre o binômio interligado matricialmente. Educação sem conhecimento descamba para mera ideologia e doutrinação. Conhecimento sem educação é arma de morte e dominação. A modernidade precisa ser conduzida pelo binômio, para que possa ser projeto próprio, culturalmente pertinente, e não algo de cima para baixo e de fora para dentro.

Em outra linguagem, conhecimento carece deter **qualidade formal e política**, para que sua competência científica sirva à sociedade. Por qualidade formal entendemos sua marca metodológica construtiva, tipicamente instrumental e ativadora do processo inovador na realidade. Por qualidade política entendemos a adequação ética entre meios e fins, ideologias engajadas com os desafios emancipatórios populares, a competência democrática. Em termos práticos, conhecimento serve muito mais à competitividade, no fundo o motor principal do processo inovador. Não temos ainda cidadania suficiente para comandar a história. As razões econômicas são mais decisivas que as sociais, ainda³. Em qualquer circunstância, educação e conhecimento representam a estratégia primordial de desenvolvimento humano sustentado, dentro de um enfoque integrado matricialmente. Na matriz do desenvolvimento, educação e conhecimento perfazem a raiz mais matricial, multidisciplinar e mútua, sem com isto fazer-se panacéia. Se universidade fosse o lugar privilegiado da educação e do conhecimento, seria também a usina principal do futuro.

Como alerta Aronowitz, a universidade estaria perdendo sem sentido educativo, relegando-se a simples “fábrica do conhecimento”, inteiramente submissa ao mercado⁴. No caso dos Estados Unidos, a universidade “se salva”, porque é fortemente construtiva de conhecimento, pelo menos em suas expressões mais apreciadas. Existem outras

³ HARDING, S. 1998. Is Science Multicultural? Postcolonialisms, feminisms, and epistemologies. Indiana University Press, Bloomington and Indianapolis. DEMO, P. 2000. Certeza da Incerteza – Ambivalências do conhecimento e da vida. Editora Plano, Brasília.

⁴ ARONOWITZ, S. 2000. The Knowledge Factory – Dismantling the corporate university and creating true higher learning. Beacon Press, Boston. DEMO, P. 2000. Política Social do Conhecimento – Sobre futuros do combate à pobreza. Vozes, Petrópolis, 2^a ed.

QUALIDADE E PESQUISA NA UNIVERSIDADE

Pedro Demo

tantas, certamente, que apenas “transmitem” conhecimento, contentando-se em “treinar” profissionais para o mercado. Entretanto, todos sabem que tais “profissionais” só podem ocupar posições subalternas. Entre nós, fazemos mal ambos os desafios: não reconstruímos conhecimento e não educamos minimamente. Pode nos consolar o fato de que a universidade pública de bom nível continua muito procurada, não só porque é gratuita, mas igualmente porque é melhor. Muitos jovens aceitam submeter-se a tirocínio mais longo e duro, porque imaginam poderem ser melhor recompensados com um tipo aprimorado de formação. Mesmo assim, continua predominando entre nós modelos tipicamente instrucionistas de universidade, inclusive na pós-graduação. Entre os estereótipos mais usuais está a idéia esdrúxula de que o aluno somente começa a pesquisar na pós-graduação. Por sorte, encontramos nesta realidade contradições esperançosas, como a introdução do programa PIBIC, do CNPq, destinado a financiar alunos que pesquisam, indicando que é mister ir muito além do que meramente instruir.

PAPEL DA PESQUISA

Para fazer o futuro - é óbvio - necessitamos de competência inovadora, que advém sobretudo da construção do conhecimento. Se a universidade quiser ser uma instituição essencial e sobretudo insubstituível na busca de futuro humano sustentado, terá que saber construir conhecimento, principalmente tornar-se o lugar privilegiado para tanto. Deve postar-se à frente dos tempos, para puxar o trem da história. Não basta ser apenas contemporânea, acompanhando como espectador a evolução da ciência, como jamais bastaria permanecer como lugar da cópia.

Assim, o desafio figadal da universidade não é mais ensino, e muito menos extensão, mas **pesquisa**. Esta lhe define a alma, as outras funções detêm importância, mas são decorrentes. Da construção de conhecimento segue sua socialização, até mesmo por direito social de todos de partilhar do progresso coletivo. Todavia, uma universidade que se esgota na proposta de ensinar a copiar, é um absurdo, porque vale apenas o que vale uma cópia. Precisamos também de cópia, mas não podemos nos admitir como cópia.

É preciso, pois, trabalhar com afinco o conceito e a prática da pesquisa, tornando-a a didática central da vida acadêmica, incluindo teoria e prática. Os professores não se definem pela aula, mas pela competência em construir conhecimento - que é a

QUALIDADE E PESQUISA NA UNIVERSIDADE

Pedro Demo

competência das competências, em termos formais -, tendo como tarefa essencial diante dos alunos orientá-los a também construir conhecimento, desde a primeira hora.

A competência formal moderna pode ser definida em algumas habilidades construtivas, tais como:

a) **capacidade de pesquisa**, para dominar o método essencial de inovação e compreensão da realidade, para melhor intervir;

b) **elaboração própria e coletiva**, para ser capaz de proposta criativa, trabalhar em equipe, construir projetos com autonomia, colaborar participativamente;

c) **teorização das práticas**, para, tendo a experiência como chão histórico, voltar à teoria e refazer a capacidade inovadora;

d) **atualização permanente**, para estar em dia com o processo de construção de conhecimento e sobretudo para estar à frente da história;

e) **produção e uso de instrumentos eletrônicos** para facilitar a transmissão socializada de conhecimento e ganhar tempo para construir.

Pesquisa, entretanto, não se restringe a método produtivo científico, como é usualmente assumido na academia, mas detém também a função essencial de **princípio educativo**. Quer dizer, não apenas faz conhecimento, mas igualmente é caminho educativo, porque está na base de todo processo emancipatório. Educação, desde que compreendida como a arte de fundamentar a chance emancipatória das pessoas e da sociedade, precisa ser inovadora e questionadora. Inovação e questionamento são as razões centrais da pesquisa, como são da educação. Assim, pesquisa faz parte do processo educativo.

Esta afirmação pode surpreender aos acadêmicos, que sempre imaginam pesquisa monopólio sofisticado. Esta dimensão faz parte, mas como tal, pesquisa é essencialmente o diálogo inteligente com a realidade, em termos teóricos e práticos, é saber pensar para poder melhor agir, é aprender a aprender. Como quer o cognitivismo, começa na infância, porque o processo emancipatório começa também lá, no primeiro dia de vida.

Claro, pesquisa na criança é algo diferente, *mutatis mutandis*. Não será o caso pedir-lhe um "paper" dentro do figurino metodológico científico. Trata-se, isto sim, de promover a curiosidade, o questionamento, a iniciativa, a ativação lúdica criativa, em vez de permanecer apenas na disciplina e na socialização. Nisto baseia-se a convicção das didáticas construtivas, que não são necessariamente construtivistas. Ao contrário de uma escola que apenas ensina a copiar, mantendo o aluno como objeto de mero ensino e de

QUALIDADE E PESQUISA NA UNIVERSIDADE

Pedro Demo

mera aprendizagem, persegue-se a construção de atitudes participativas, que motivem o aluno a assumir-se como sujeito histórico crítico e criativo. Figura central é o professor construtivo. Se ele também for cópia, fará do aluno cópia da cópia.

Em termos universitários, trata-se de valorizar o **currículo intensivo**, contra o domínio atual do currículo extensivo. Este funda-se em aulas destinadas a cobrir uma extensão de disciplinas consideradas partes do curso. Se tiver, por exemplo, 20 disciplinas, necessita de 20 professores que dêem aulas. Ao aluno cabe escutar as aulas, tomar nota, e fazer prova. Algumas vezes exige-se leitura, se o professor for dado à leitura, coisa rara entre nós, razão pela qual leitura é normalmente resumida a algumas páginas e a apostilas funcionais. Não se atinge profundidade do conhecimento, muito menos aprende-se o método da pesquisa para dar conta de qualquer desafio, contentando-se com uma espécie de visão geral que o passeio superficial das aulas garantiria.

Já o currículo intensivo privilegia o trabalho construtivo de conhecimento, procurando, desde a primeira hora, sedimentar o método da pesquisa, ou o saber pensar e o aprender a aprender no aluno, partindo de professores cuja competência crucial seja construir conhecimento. A primeira preocupação é propedêutica: construir a capacidade de construir conhecimento, com base principalmente no domínio construído de filosofia, linguagem e matemática. Trata-se de dotar o aluno da competência original construtiva, ou seja, do saber pensar e do aprender a aprender, para, com isto, poder dar conta de todos os desafios do curso. A profissionalização como tal é organizada essencialmente sobre o esforço construtivo do aluno, teórico e prático, sob orientação dos professores. Aulas são apenas expediente instrumental, jamais a base didática. Precisa-se, é claro, de biblioteca atualizada, videoteca, laboratórios, campos de experimentação, ambiente de pesquisa, desafios multidisciplinares.

O currículo intensivo é, assim, vertical, no sentido de avançar pela via do aprofundamento e da autonomia propedêutica, tornando-o o aluno competente. Competência não será saber copiar, mas construir os próprios caminhos. Precisa-se de conhecimento transmitido, porque o processo inovador parte do que já se conhece, mas a tarefa central será sedimentar a competência construtiva na teoria e na prática. Trata-se de conhecer para inovar e de educar para humanizar.

Encontramos muitas vantagens, a começar pelo custo menor do currículo intensivo. Pode ser viabilizado com meia dúzia de professores para cada curso. parte propedêutica,

QUALIDADE E PESQUISA NA UNIVERSIDADE

Pedro Demo

sendo comum, necessita de um número mínimo de professores. Sobretudo é capaz de garantir a competência moderna, com qualidade formal e política. Encontramos também riscos, se quisermos fazer uma transição apressada e copiada do currículo extensivo para o intensivo. Não é viável a transição, se não dispusermos de um corpo de professores que tenham como competência básica a pesquisa, teórica e prática, ou se não houver os apoios substanciais da pesquisa, como biblioteca, instrumentação eletrônica, ambiente de trabalho individual e coletivo. É mister também mudar a concepção arquitetônica e espacial: em vez de um sistema de auditórios e salas de aula, é mister lugar individual e coletivo de pesquisa. A presença física que a aula impõe também é menos importante, devendo-se privilegiar a orientação controlada do processo produtivo no aluno. Este é a base da avaliação, porque é dele que surge o desempenho competente.

Ensino será função importante, se derivada da pesquisa, e neste caso não seria propriamente "ensino", mas educação. O uso do termo ensino já denota que se trata de mera instrução e treinamento, veiculados pela didática da aula copiada para copiar. Extensão é termo supérfluo, se tomarmos pesquisa como construção de conhecimento para inovar, ou seja, algo teórico e prático ao mesmo tempo. A melhor "extensão" que a universidade pode fazer é produzir o conhecimento necessário para fazermos nosso futuro, com qualidade formal e política. Aí, já não seria "extensão", mas algo intrínseco ao currículo, como a prática faz parte da teoria e vice-versa. A dedicação social que a universidade possa ter é sempre coisa meritória, mas deveria ser compromisso curricular fundado no processo construtivo de conhecimento.

Na pós-graduação, tanto mais será o caso basear o curso na pesquisa. De certa forma isto tende a acontecer, porque exige-se uma "tese" ao final. Entretanto, é ainda uso – por imitação americana no fundo – submeter os alunos a grandes trajetos de aulas, nos quais permanecem escutando professores que apenas repassam conhecimento de segunda mão. Nas melhores pós-graduações, é comum exigir-se do aluno que redija um "paper" de fôlego para cada matéria, indicando que precisa pesquisar e elaborar com autonomia. Mas esta exigência está em queda, por força da pressão legal de "inventar" professores pós-graduados *stricto sensu*. Estamos assistindo no momento à lassidão crescente verificável nos infimos arranjos para facilitar a obtenção de títulos: teses mais modestas, cumprimento de exigências curriculares com meras aulas assistidas, encurtamento do tempo e uso de fins de semana, expedientes à distância que só possuem "distância", e assim por diante. O resultado poderá ser desastroso ao extremo,

QUALIDADE E PESQUISA NA UNIVERSIDADE

Pedro Demo

porque inventaremos “professores” que certamente tendem a continuar o instrucionismo, ao lado de desenvolverem de modo precário o sentido educativo. Este sentido educativo não se refere apenas a atos explícitos de “politicidade” da educação, mas sobretudo a seu caráter intrínseco na conjunção entre qualidade formal e política. É preciso saber valorizar o sentido pedagógico da pesquisa e da elaboração própria, como modo de constituir a autonomia, a capacidade de intervenção alternativa, a preocupação com a ética, o habilidade de fundamentar e argumentar, sobretudo de saber pensar para poder mudar. Surge o sentido de um profissional que não apenas maneja conhecimento, mas sobretudo sabe o que fazer com ele e lhe imprime sentido mais próximo do bem comum.

QUALIDADE NA UNIVERSIDADE

Qualidade é a competência de fazer história humana e de humanizar a realidade. É a habilidade de trabalhar as circunstâncias dadas de modo ambientalmente adequado e sustentado, bem como de fazer a democracia. Como sujeito histórico, sua qualidade central é a cidadania, baseada em direitos humanos inalienáveis, na ética política, na sociedade marcada pela equalização de oportunidades. Lança mão, como instrumento, sobretudo do conhecimento, que é lídimo produto seu, donde haure a competência formal inovadora.

Para ser qualitativa, a universidade também deve ter qualidade formal e política. Do ponto de vista da qualidade formal, são desafios substanciais:

- a) construir conhecimento próprio, ao lado de acompanhar *pari passu* o processo mundial de construção do conhecimento;
- b) organizar-se através do currículo intensivo, com base no processo sustentado de pesquisa no professor e no aluno;
- c) cuidar da base propedêutica comum, matricial e multidisciplinar, com o objetivo de estabelecer, sem volta, o caminho da pesquisa;
- d) redefinir os professores como pesquisadores e orientadores do processo de construção do conhecimento nos alunos;
- e) montar ambiente favorável à pesquisa, com todos os apoios implicados, como biblioteca, videoteca, laboratórios, experimentação etc.

Do ponto de vista da qualidade política, são desafios substanciais:

QUALIDADE E PESQUISA NA UNIVERSIDADE

Pedro Demo

a) recuperar a finalidade educativa da formação superior, buscando na pesquisa a arte do questionamento crítico e criativo, para melhor intervir;

b) unir curricularmente teoria e prática, para que o conhecimento admita ser meio a serviço de uma sociedade melhor e de intervenções humanizadoras na realidade;

c) conquistar importância decisiva frente ao desafio do desenvolvimento humano sustentado, sendo lugar privilegiado do exercício da cidadania e da preparação para a competitividade, em contexto sempre ético;

d) fomentar em todos os recursos humanos envolvidos a realização da competência formal e política, para que o conhecimento seja a arma democrática da cidadania;

e) cultivar expressões ideológicas que saibam humanizar o conhecimento, dentro de espaços ao mesmo tempo produtivos e democráticos.

Como a competência - para ser competente - precisa constantemente ser reconstruída, diante de sempre novos desafios, o **processo avaliativo** é essencial. Tão grande é a investida em termos de capacidade inovadora e educativa, que o envelhecimento, a desatualização, a alienação são riscos diários. Não vale apenas "auto-avaliação", por ser facilmente manobra de autodefesa, dentro dos vezos corporativistas tão comuns em nossa realidade subdesenvolvida.

O ponto de partida poderá ser a teorização das práticas, no sentido de questionar a prática acadêmica, comparando-a com os desafios que nos propomos enfrentar. Diante deles, fica claro que a maioria dos professores não constrói conhecimento, nem se sensibiliza para tanto, porque se entende como ministrador de aulas copiadas. Literalmente, ensina o aluno a copiar. Sendo cópia, faz do aluno cópia da cópia. Fica também claro que a didática se esvai em mero ensino e mera aprendizagem, correspondendo à manutenção da condição de subdesenvolvimento. Sobretudo em cursos noturnos, o desempenho do professor e do aluno é marcadamente deficitário, sempre muito próximo da coisa pobre para o pobre.

Embora sendo necessário o "ensino noturno", porque os jovens que trabalham também têm direito de estudar, trata-se exatamente de mero ensino. É preciso questionar com serenidade a proposta de treinamento herdada dos Estados Unidos, para não herdarmos, junto com ela, a mesma crise de educação que lá impera. Competência não se faz com treinamento, por mais que treinamento também faça parte da competência. O cerne da competência é precisamente a superação da condição de mero treinado, para

QUALIDADE E PESQUISA NA UNIVERSIDADE

Pedro Demo

poder dar conta de todos os desafios, não apenas daqueles decorados em aula e para a prova.

Neste sentido, é equívoco americano sustentar, no contexto da qualidade total, a importância do treinamento de recursos humanos, porque pretende-se buscar uma prerrogativa humana lá onde ela é desfeita. O treinamento rebaixa o aluno a objeto de ensino e aprendizagem, enquanto educação forma sujeitos competentes críticos e criativos. Qualidade total combina apenas com educação e conhecimento, com qualidade formal e política. Não se restringe aos problemas de gerenciamento e competitividade, incluindo-se o aliciamento dos trabalhadores para que abracem a empresa, porque seu chão verdadeiro é a qualidade dos recursos humanos, competentes tanto na cidadania, quanto na competitividade, sendo a primeira fim, e esta meio.

São contraditórios os cursos de qualidade total com base em treinamentos, porque, além de agredirem a cidadania, agredem a própria competitividade, que supõe um trabalhador capaz de avaliar processos complexos, questionar sua prática e buscar soluções próprias, compreender globalmente seu contexto de trabalho e produção, atualizar-se constantemente. Um curso, para corresponder à qualidade total, precisa durar o tempo suficiente para promover a competência moderna, o que implica pesquisa, elaboração própria e coletiva, teorização das práticas, atualização permanente, leitura, manuseio de dados, levantamentos etc. Mesmo no caso de trabalhadores mais simples, a didática construtiva é ainda mais essencial, para permitir que cheguem a patamares de consciência crítica mais elaborada e eles mesmos sejam os avalistas substanciais da própria competência.

Para ser um cidadão competentemente construtivo, em termos formais e políticos, não é mister mestrado ou doutorado, mas ter uma cabeça em cima do pescoço. Todos - até prova em contrário - têm. Portanto, todos podem ter acesso a esta competência, cada qual em seu estágio formativo e dentro de sua experiência histórica.

Sendo qualidade prerrogativa humanizante, são componentes essenciais na universidade:

QUALIDADE E PESQUISA NA UNIVERSIDADE

Pedro Demo

a) qualidade dos dirigentes, sobretudo do Reitor, que não pode ser apenas um administrador físico-financeiro ou do saber dos outros; precisa ser capaz de conceber, liderar e realizar a política científica da universidade, tornando-a imprescindível para o desenvolvimento humano sustentado;

b) qualidade dos professores, que são a alma do negócio da qualidade acadêmica, teórica e prática, capazes de implantar a lógica do currículo intensivo; precisam ser todos exímios propedeutas e hábeis motivadores da construção da competência profissional nos alunos, sempre com qualidade formal e política;

c) qualidade dos alunos, que acorrem à universidade não para escutar aulas copiadas que os reduzem à cópia da cópia, mas para, sob orientação dos professores, construir a própria competência através do manejo e produção de conhecimento; não se pode rebaixar o nível, para adaptar-se às misérias do aluno, mas, partindo daí de modo realista, procurar didáticas justas que abram caminhos da construção própria.

A idéia do currículo intensivo não se dirige a reduzir a clientela, embora deva reduzir o professorado e gastos correspondentes. Ao contrário, se a capacidade de orientação for habilidosa e produtiva, pode-se dobrar o número de alunos, tanto mais se houver uso e produção inteligente de instrumentação eletrônica. Não existe no país propriamente oferta excessiva, mas oferta duvidosa em excesso. Quanto mais jovens puderem aceder à formação superior, tanto melhor será a qualidade de nossa população, por mais que o acesso à educação básica ainda não tenha sido resolvido a contento, nem de longe. Todavia, está claro que competência prefere, sempre, qualidade à quantidade. Sobretudo em entidades públicas e gratuitas, qualidade é o argumento para mantê-las, já que o acesso socializado jamais valeu. Somente gente que ultrapassa o 2º grau - nunca o pobre de verdade - chega à universidade, e as públicas são ocupadas por jovens que puderam freqüentar os melhores colégios particulares. Para fazermos educação e conhecimento de qualidade, em vista da cidadania e da competitividade, precisamos de instituições públicas e gratuitas. Não as necessitamos, entretanto, apenas para ensinar a copiar e manter um número excessivo de professores que apenas sabem copiar.

Quanto ao sistema privado de universidades, é urgente repensar o modelo de treinamento de recursos humanos, porque torna-se cada dia mais irrelevante frente ao desenvolvimento humano sustentado. Já é atraso. A oferta noturna, muito importante frente à demanda, carece ser revista radicalmente, para não ser o estigma do pobre, que paga pela sua própria imbecilização. No mínimo, cursos noturnos deveriam ser mais

QUALIDADE E PESQUISA NA UNIVERSIDADE

Pedro Demo

longos, comprometer professores de competência reconhecida, usar ampla base eletrônica. Pode-se já afirmar que grande parte do que se faz na universidade poderia ser feito pela mídia, com vantagem. O mero repasse de conhecimento é, cada vez mais, problema eletrônico.

DESAFIOS DA PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Tomando em conta que educação é o curso mais estratégico da universidade, porque lida com o direito de aprender, sua pós-graduação precisaria ser “modelar”, ou, pelo menos, exemplar. O que mais tem prejudicado os cursos de educação é que são ironicamente pouco “educativos”, já que neles aprende-se pouco e mal, como regra. Tem-se noção apenas incipiente de aprendizagem, não se acompanham as discussões atuais em torno do assunto, não se enfrentam teorias provenientes de outras áreas, sobretudo das ciências “duras”, não se acatam exigências da contemporaneidade, e assim por diante. Entretanto, seria justo esperar das faculdades ou cursos de educação o bom exemplo, pelo menos no sentido de conjugar com a devida sabedoria reconstrução do conhecimento e habilidade educativa, de tal sorte que todos os professores da universidade se sentissem atraídos a seguir o exemplo. Tendo em vista que todo professor precisa ser educador, não apenas um repassador de conhecimento, seria natural que todo professor se dirigisse aos cursos de educação para neles exercitarem a oportunidade de galgar ao nível de educador, para além de manejar conhecimento.

Não quer dizer que todo professor ser meta a pedagogo. Mas carece fortemente de senso pedagógico, para poder cuidar da aprendizagem de seus. É comum que professores declarem sentir-se insatisfeitos como “educadores”, porque nunca tiveram este tipo de formação. Ao mesmo tempo, reconhecem que não é muito boa idéia procurar apoio na pedagogia vigente, porque esta se apresenta avassaladoramente instrucionista. Neste sentido, a pós-graduação em educação precisaria enfrentar desafios tais como:

a) pleitear a qualidade de seus cursos, de tal sorte que pudessem ser mantidos como exemplares; como os cursos de educação historicamente sempre tenderam ao encurtamento, seria fatal adotar este vezo na pós-graduação, por mais que circunstâncias externas assim pretendam impor;

b) conjugar adequadamente qualidade formal e política, realçando o papel pedagógico da pesquisa, seja no sentido da promoção da autonomia emancipatória, seja no sentido da habilidade de saber pensar para melhor intervir;

QUALIDADE E PESQUISA NA UNIVERSIDADE

Pedro Demo

c) resgatar o valor da pedagogia no mundo de hoje, por ser curso estratégico; neste sentido, imprimir aos cursos seu sentido estratégico, o que implica tornar-se exemplo de “boa formação”; embora muitos ritos acadêmicos possam ser criticados, sobretudo quando formalistas, há referências qualitativas que não podem ser abandonadas, porque implicariam típico “mau exemplo”, como seria rebaixar exigências de qualidade;

d) saber produzir e suar educação à distância, com o compromisso ostensivo de mostrar como se pode fazer bem; é fundamental contrapor-se à tendência de facilidades abusivas – na educação à distância há geralmente só distância e muito pouca educação -, não pela via da mera negação, mas pela via positiva de mostrar como seria possível acolher na instrumentação eletrônica o desafio da aprendizagem⁵;

e) saber introduzir inovações que os tempos exigem, como a noção da pesquisa como “ambiente da aprendizagem”, da elaboração própria como fundamento da autonomia crítica, da habilidade de produzir temas que conjuguem melhor teoria e prática, da sagacidade de modular currículos mais abertos e adultos, tipicamente intensivos, e assim por diante, a par de produzir e usar tecnologias vinculadas à aprendizagem;

f) saber lidar com a interdisciplinaridade e a complexidade, procurando atingir públicos mais variados, já que educação talvez seja um dos campos mais comuns a todos em termos de desafio formativo; por sua posição estratégica, educação poderia interessar a todos, o que levaria a inúmeros profissionais a procurar sua pós-graduação como apoio ao desafio da aprendizagem; poderia ser um tipo salutar de influência disseminada, à medida que todas as áreas acadêmicas fossem capazes de valorizar a referência educativa de sua prática profissional;

g) melhorar fundamentos metodológicos, geralmente muito maltratados na pedagogia, não só para elevar o nível de estudo, mas sobretudo para salvaguardar a posição estratégica: para poder influir todos os setores da academia, é mister poder dialogar com todos em pé de igualdade; sem recair em positivismos recorrentes, é mister adentrar-se muito mais pela metodologia científica, métodos e técnicas, uso da informática, manejo de dados, e assim por diante.

⁵ DEMO, P. 2001. Conhecimento e Aprendizagem na Nova Mídia. Editora Plano, Brasília.
Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Administração
ISSN 1984-5294 - Vol. 1, n. 1, p.52-64, Maio/2009

QUALIDADE E PESQUISA NA UNIVERSIDADE

Pedro Demo

BIBLIOGRAFIA

ARONOWITZ, S. 2000. The Knowledge Factory – Dismantling the corporate university and creating true higher learning. Beacon Press, Boston.

CEPAL. 1992. Equidad y Transformación Productiva - Un enfoque integrado. CEPAL, Santiago. CEPAL/OREALC. 1992. Educación y Conocimiento - Eje de la transformación productiva con equidad. CEPAL, Santiago.

DEMO, P. 2000. Certeza da Incerteza – Ambivalências do conhecimento e da vida. Editora Plano, Brasília.

DEMO, P. 2000. Política Social do Conhecimento – Sobre futuros do combate à pobreza. Vozes, Petrópolis, 2^a ed.

DEMO, P. 2001. Conhecimento e Aprendizagem na Nova Mídia. Editora Plano, Brasília.

DEMO, P. 2001. Educação & Conhecimento – Relação necessária, insuficiente e controversa. Vozes, Petrópolis, 2^a ed.

HARDING, S. 1998. Is Science Multicultural? Postcolonialisms, feminisms, and epistemologies. Indiana University Press, Bloomington and Indianapolis.

ONU. 1990 ... 2001. Human Development Report. ONU, New York.